CAPÍTULO

1

A PSICOLOGIA OU AS PSICOLOGIAS

Usamos o termo psicologia no cotidiano com vários sentidos. Por exemplo, quando falamos do poder de persuasão de um vendedor, dizemos que ele usa de psicologia para vender seu produto; quando nos referimos à jovem estudante que usa seu poder de sedução para atrair o rapaz, falamos que ela usa de psicologia; e quando procuramos aquele amigo, que está sempre disposto a ouvir nossos problemas, dizemos que ele tem psicologia para entender as pessoas.

Será essa a psicologia dos psicólogos? Certamente não. Essa psicologia, usada no cotidiano pelas pessoas, em geral, é denominada de **psicologia do senso comum**. Mas nem por isso deixa de ser uma psicologia. O que estamos querendo dizer é que as pessoas, em geral, têm um domínio, mesmo que pequeno e superficial, do conhecimento acumulado pela Psicologia científica, o que lhes permite explicar ou compreender seus problemas cotidianos de um ponto de vista psicológico.

O SENSO COMUM: CONHECIMENTO DA REALIDADE

Existe um domínio da vida que pode ser entendido como vida por excelência: é o cotidiano. É no cotidiano que tudo flui, que as coisas acontecem, que nos sentimos vivos, que vivemos a **realidade**. Nesse instante estou lendo um livro de Psicologia, logo mais estarei em uma sala de aula fazendo uma prova e depois irei ao cinema. Enquanto isso, sinto sede e tomo um refrigerante na cantina da escola; sinto um sono irresistível e preciso de muita força de vontade para não dormir em plena aula; lembro-me de que havia prometido chegar cedo para o almoço. Todos esses acontecimentos denunciam que estamos vivos. Já a ciência é uma atividade eminentemente reflexiva. Ela procura compreender, elucidar e alterar esse cotidiano, a partir de seu estudo sistemático.

Quando fazemos ciência, baseamo-nos na realidade cotidiana e pensamos sobre ela. Afastamo-nos dela para refletir e conhecer além de suas aparências. O cotidiano e o conhecimento científico que temos da realidade aproximam-se e se afastam. Aproximam-se porque a ciência se refere ao real; afastam-se porque a ciência abstrai a realidade para

Album / akg-images / LatinStock

As nossas refeições são exemplos da realidade cotidiana. *Breakfast in Suuk-su* (1918), de Konstantin Chebotarev.

compreendê-la melhor, ou seja, a ciência afasta-se da realidade, transformando-a em objeto de investigação – o que permite a construção do conhecimento científico sobre o real.

Para compreender isso melhor, pense na abstração (no distanciamento e no trabalho mental) que Newton teve de fazer para, partindo da fruta que caía da árvore (fato do cotidiano), formular a lei da gravidade (explicação científica).

Ocorre que, mesmo o mais especializado dos cientistas, quando sai de seu laboratório, está submetido à dinâmica do cotidiano, que cria suas próprias regras de sociabilidade e funcionamento. Nessa dimensão do conhecimento, o que importa é a praticidade e a solução rápida para os problemas que se apresentam no dia a dia. Por vezes, usamos a tradição de nossos antepassados e o fazemos muitas vezes esquecendo sua origem. Em outros momentos, agimos baseados em teorias científicas, mas a usamos de forma simplificada e improvisada. Também utilizamos frequentemente o ensaio e o erro, que nesse estágio funciona muito bem. O fato é que o conhecimento construído no cotidiano usa muitos recursos (algumas vezes sofisticados) e ao mesmo tempo é um conhecimento improvisado, que depende da ação imediata. Todos nós – estudantes, psicólogos, operários, físicos, moradores de rua, teólogos, artistas – vivemos boa parte do nosso tempo esse cotidiano e suas regras.

O fato é que a dona de casa, quando usa a garrafa térmica para manter o café quente, sabe por quanto tempo ele permanecerá razoavelmente quente, sem fazer nenhum cálculo complicado e, muitas vezes, desconhecendo completamente as leis da termodinâmica. Quando alguém em casa reclama de um problema digestivo, ela faz um chá de boldo – que é uma planta medicinal já usada pelos avós de nossos avós –, sem, no entanto, conhecer o princípio ativo de suas folhas nas doenças hepáticas e sem nenhum estudo farmacológico. Nós mesmos, quando precisamos atravessar uma avenida movimentada, com o tráfego de veículos em alta velocidade, sabemos perfeitamente medir a distância e a velocidade do automóvel que vem em nossa direção. Até hoje não conhecemos ninguém que usasse máquina de calcular ou fita métrica para essa tarefa.

Esse tipo de conhecimento que vamos acumulando em nosso cotidiano é chamado de **senso comum**. Sem esse conhecimento intuitivo, espontâneo, de tentativas e erros, a nossa vida diária seria muito complicada.

A necessidade de acumularmos esse tipo de conhecimento espontâneo parece-nos óbvia. Imagine termos de descobrir diariamente que as coisas tendem a cair, graças ao efeito da gravidade; termos de descobrir diariamente que algo atirado pela janela vai cair e não subir; que um automóvel em velocidade vai se aproximar rapidamente de nós; e que, para fazer um aparelho eletrodoméstico funcionar, precisamos de eletricidade.

O senso comum, na produção desse tipo de conhecimento, percorre um caminho que vai do hábito à tradição, a qual, quando estabelecida, passa de geração para geração. Assim, aprendemos com nossos pais a atravessar uma rua, a fazer o liquidificador funcionar, a plantar alimentos na época certa e de maneira correta e assim por diante.

É nessa tentativa de facilitar o dia a dia que o senso comum produz suas próprias "teorias"; na realidade, um conhecimento que, em uma interpretação livre, poderíamos chamar de teorias médicas, físicas, psicológicas etc.

Realidade

Se consultarmos o dicionário, veremos que realidade é a qualidade do que é real: um fato, acontecimento, coisa. Entretanto, atribuir essa qualidade é uma característica humana e sempre dependerá do critério que usaremos para defini-la. Do ponto de vista das Ciências Humanas, discutem-se os pressupostos para a definição desses critérios.

O tema que trata da definição do que é ou não é a **realidade** vem sendo discutido há muitos séculos, desde os filósofos gregos, e até hoje é um tema polêmico. Berger & Luckmann, do ponto de vista fenomenológico, e John Searle, do ponto de vista do pós-racionalismo, fazem uma discussão bem contemporânea do assunto. O fato é que não é tão simples para qualquer um de nós definir o que é a realidade. Pense sobre o assunto, trata-se de um bom tema para uma pesquisa.

Senso comum: uma visão-de-mundo

Esse conhecimento do senso comum, além de sua produção característica, acaba por se apropriar, de uma maneira muito singular, de conhecimentos produzidos pelos outros setores do saber humano. O senso comum mistura e recicla esses outros saberes, muito mais especializados, e os reduz a um tipo de teoria simplificada, produzindo uma determinada **visão-de-mundo**.

O que estamos querendo mostrar a você é que o senso comum integra, de um modo precário (mas é esse o seu modo), o conhecimento humano. É claro que isso não ocorre muito rapidamente. Leva certo tempo para que o conhecimento mais sofisticado e especializado seja absorvido pelo senso comum, e nunca o é totalmente. Quando utilizamos termos como "rapaz complexado", "menina histérica", "ficar neurótico", estamos usando termos definidos pela Psicologia científica. Não nos preocupamos em definir as palavras

usadas e nem por isso deixamos de ser entendidos pelo outro. Podemos até estar muito próximos do conceito científico, mas, na maioria das vezes, nem o sabemos. Esses são exemplos da apropriação que o senso comum faz da ciência.

Áreas de conhecimento

Somente esse tipo de conhecimento, porém, não seria suficiente para as exigências de desenvolvimento da humanidade. O ser humano, desde os tempos primitivos, foi ocupando cada vez mais espaço no planeta, e somente esse conhecimento intuitivo seria muito pouco para que ele dominasse a Natureza em seu próprio proveito. Os gregos, por volta do século IV a.C., já dominavam complicados cálculos matemáticos, que ainda hoje são considerados difíceis por qualquer jovem colegial. Os gregos precisavam entender esses cálculos para resolver seus problemas agrícolas, arquitetônicos, navais etc. Era uma questão de sobrevivência. Com o tempo, esse tipo de conhecimento foi-se especializando cada vez mais, até atingir o nível de sofisticação que permitiu ao ser humano conquistar o espaço sideral. A esse tipo de conhecimento chamamos de **ciência**.

Mas o senso comum e a ciência não são as únicas formas de conhecimento que o homem apresenta para descobrir e interpretar a realidade.

Povos antigos, e entre eles cabe sempre mencionar os gregos, preocuparam-se com a origem e com o significado da existência humana. As especulações em torno desse tema formaram um corpo de conhecimentos denominado filosofia. A formulação de um conjunto de pensamentos sobre a origem do ser humano, seus mistérios, princípios morais, forma outro corpo de conhecimento humano conhecido como religião.

No Ocidente, um livro muito conhecido traz as crenças e tradições de nossos antepassados e é para muitos um modelo de conduta: a *Bíblia*, que é o registro do conhecimento religioso judaico-cristão. Outro livro semelhante é o livro sagrado dos hindus: *Livro dos Vedas*. *Veda*, em sânscrito (antiga língua clássica da Índia), significa conhecimento.

Por fim, desde a sua pré-história, o ser humano deixou marcas de sua sensibilidade nas paredes das cavernas, quando desenhou a sua própria figura e a figura da caça, criando uma expressão do conhecimento que traduz a emoção e a sensibilidade. Denominamos esse tipo de conhecimento de arte.

Arte, religião, filosofia, ciência e senso comum são domínios do conhecimento humano.

LatinStock / SPL

Arquimedes, matemático grego (287 a.C. a 212 a.C.), formulou o princípio segundo o qual todo corpo mergulhado em um líquido recebe impulso de baixo para cima igual ao volume do fluido deslocado.

A Psicologia científica

Apesar de reconhecermos a existência de uma psicologia do senso comum e, de certo modo, estarmos preocupados em defini-la, é com a outra psicologia que este livro deverá se ocupar – a Psicologia científica. Foi preciso definir o senso comum para que o leitor pudesse demarcar o campo de atuação de cada uma, sem confundi-las.

Entretanto, a tarefa de definir a Psicologia como ciência é bem mais árdua e complicada. Comecemos por definir o que entendemos por ciência (que também não é simples), para depois explicarmos por que a Psicologia é hoje considerada uma de suas áreas.

O que é ciência

A ciência compõe-se de um conjunto de conhecimentos sobre fatos ou aspectos da realidade (que chamamos de objeto de estudo), expresso por meio de uma linguagem precisa e rigorosa. Esses conhecimentos devem ser obtidos de maneira programada, sistemática e controlada, para que se permita a verificação de sua validade. Assim podemos apontar o objeto dos diversos ramos da ciência e saber exatamente como determinado conteúdo foi construído, possibilitando a reprodução da experiência. Dessa forma, o saber pode ser transmitido, verificado, utilizado e desenvolvido.

Um novo conhecimento é produzido sempre a partir de algo anteriormente desenvolvido.

Essa característica da produção científica possibilita sua continuidade: um novo conhecimento é produzido sempre a partir de algo anteriormente desenvolvido. Negam-se, reafirmam-se, descobrem-se novos aspectos, e assim a ciência avança. Nesse sentido, a ciência caracteriza-se como um processo.

Pense no desenvolvimento do motor flex, que utiliza mais de um tipo de combustível. Ele nasceu de uma necessidade concreta – a crise do petróleo e o desenvolvimento do biocombustível no Brasil – e reúne a tecnologia do motor movido a álcool, a gasolina e, eventualmente, a gás natural. Foi uma forma que engenheiros e cientistas brasileiros encontraram para resolver o problema relativo à economia do petróleo, à sazonalidade da safra da cana-de-açúcar (utilizada na fabricação do álcool) e à dificuldade com o abastecimento de gás natural no país. Antes do motor flex, foi necessário criar o motor movido a álcool. Veja como a tecnologia responde aos problemas que se apresentam em nosso dia a dia.

A ciência tem ainda uma característica fundamental: ela aspira à objetividade. Suas conclusões devem ser passíveis de verificação e isentas de emoção, para, assim, tornarem-se válidas para todos.

Objeto específico, linguagem rigorosa, métodos e técnicas específicas, processo cumulativo do conhecimento e objetividade fazem da ciência uma forma de conhecimento que supera em muito o conhecimento espontâneo do senso comum. Esse conjunto de características é o que permite que denominemos de científico um conjunto de conhecimentos.

Objeto de estudo da Psicologia

Como dissemos anteriormente, um conhecimento, para ser considerado científico, requer um objeto específico de estudo. O objeto da Astronomia são os astros, o objeto da Biologia são os seres vivos. Essa classificação bem geral demonstra que é possível tratar

o objeto dessas ciências com certa distância, ou seja, é possível isolar o objeto de estudo. No caso da Astronomia, o cientista-observador está, por exemplo, em um observatório, e o astro observado, a anos-luz de distância de seu telescópio. Esse cientista não corre o mínimo risco de confundir-se com o fenômeno que está estudando.

O mesmo não ocorre com a Psicologia, que, como a Antropologia, a Economia, a Sociologia e todas as ciências humanas, estuda o ser humano.

Certamente, essa divisão é ampla e apenas coloca a Psicologia entre as ciências humanas. Qual é, então, o objeto específico de estudo da Psicologia?

Se dermos a palavra a um psicólogo comportamentalista, ele dirá: "O objeto de estudo da Psicologia é o comportamento humano". Se a palavra for dada a um psicólogo psicanalista, ele dirá: "O objeto de estudo da Psicologia é o inconsciente". Outros dirão que é a consciência humana, e outros, ainda, a personalidade.

Diversidade de objetos da Psicologia

Muito se fala sobre a diversidade de objetos da Psicologia e muitos atribuem essa diversidade ao fato de a Psicologia ter se desenvolvido como ciência muito recentemente (final do século XIX), quando comparada com as ciências exatas. Muitos argumentam que não foi possível ainda a construção de **paradigmas** confiáveis e convincentes que pudessem ser adotados sem receios por todos os psicólogos. Mas o problema é de outra ordem!

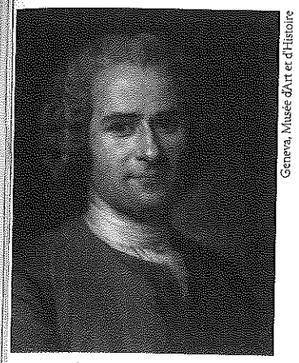
Paradigma
Padrão; que serve como modelo.

Provavelmente, a Psicologia jamais terá um único paradigma confiável que possa ser adotado por todos sem questionamentos (ao menos por um dado período). Isso porque a Psicologia é uma ciência humana, e as ciências humanas são caracterizadas pela contaminação que sofrem por estudar o que estudam: o próprio ser humano. Isso significa estudar um ser que é histórico e está em permanente mudança. Como seria possível transformar toda riqueza do ser humano em um objeto natural, com regularidade e repetição suficientes para que sejam descobertas verdades definitivas sobre ele? As diferentes formas de pensar a Psicologia representam a própria riqueza do ser humano e sua capacidade múltipla de pensar sobre si mesmo. O mesmo ocorre com as ciências sociais (Sociologia, Antropologia, Ciência Política), com Economia, com História, com Geografia. A Filosofia, que não pretende ser um conhecimento científico, mas que está na base de toda ciência, também apresenta essa característica. E não devemos nos esquecer que a Psicologia tem sua origem na própria Filosofia e, em função disso, mantém algumas de suas características.

Saiba que...

... O conhecido estudioso das ciências, Thomas Khun, afirma que as ciências duras (*hards sciences*), como a Física e a Química, definem paradigmas ao decorrer de longos períodos. Foi o caso da mecânica newtoniana, que foi superada pela Teoria da Relatividade. Um novo paradigma incorpora o conhecimento do paradigma anterior, mas é superior a ele. Há pleno reconhecimento dessa superação pela comunidade científica. Há também expectativa de quanto tempo durará o novo paradigma e é vital trabalhar para a sua superação. Khun considera as ciências humanas pré-paradigmáticas, isto é, ainda não são capazes de construir um paradigma confiável. Provavelmente, pelo que as caracteriza, nunca chegarão a definir um paradigma.

Outro motivo que contribui para dificultar uma clara definição de objeto da Psicologia é o fato de o cientista – o pesquisador – confundir-se com o objeto a ser pesquisado.



Genève, Musée d'Art et d'Histoire

Para Rousseau, o ser humano é originalmente bom, mas se corrompeu. Fomos todos "bons selvagens", mas, para viver em sociedade, precisamos de leis e contratos.

No sentido mais amplo, o objeto de estudo da Psicologia é o ser humano, e nesse caso o pesquisador está inserido na categoria a ser estudada. Assim, a concepção humana que o pesquisador traz consigo contamina inevitavelmente a sua pesquisa em Psicologia. Isso ocorre porque há diferentes concepções entre os cientistas, na medida em que estudos filosóficos e teológicos e mesmo doutrinas políticas acabam definindo o homem à sua maneira, e o cientista acaba necessariamente se vinculando a uma dessas crenças. É o caso da concepção de **homem natural**, formulada pelo filósofo francês Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), que pensou que o ser humano era puro e foi corrompido pela sociedade, cabendo então ao filósofo reencontrar essa pureza perdida. Outros o veem como ser abstrato, com características definidas e que não mudam, a despeito das condições sociais a que esteja submetido. Nós, autores deste livro, vemos o ser humano como ser datado, determinado pelas condições históricas e sociais que o cercam.

Na realidade, esse é um problema enfrentado por todas as ciências humanas, muito discutido pelos cientistas de cada área e até agora sem perspectiva de solução. Conforme a definição adotada, teremos uma concepção de objeto que combine com ela. Como, neste momento, há uma riqueza de valores sociais que permitem várias concepções de ser humano, diríamos simplificadamente que, no caso da Psicologia, essa ciência estuda "diversos seres humanos" concebidos pelo conjunto social. Assim, a Psicologia hoje se caracteriza por uma diversidade de objetos de estudo.

Por outro lado, essa diversidade de objetos justifica-se porque os fenômenos psicológicos são tão diversos que não podem ser acessíveis ao mesmo nível de observação e, portanto, não podem ser submetidos aos mesmos padrões de descrição, medida, controle e interpretação. O objeto da Psicologia, considerando suas características, deve ser aquele que reúna as condições de aglutinar uma ampla variedade de fenômenos psicológicos.

A subjetividade como objeto da Psicologia

Considerando toda essa dificuldade na conceituação única do objeto de estudo da Psicologia, optamos por apresentar uma definição que sirva como referência para os próximos capítulos, uma vez que você irá se deparar com diversos enfoques que trazem definições específicas desse objeto – o comportamento, o inconsciente, a consciência etc.

A identidade da Psicologia é o que a diferencia dos demais ramos das ciências humanas e pode ser obtida considerando-se que cada um desses ramos enfoca o ser humano de maneira particular. Assim, cada especialidade – a Economia, a Política, a História etc. – trabalha essa matéria-prima de maneira particular, construindo conhecimentos distintos e específicos a respeito dela. A Psicologia colabora com o estudo da subjetividade – é essa a sua forma particular, específica de contribuição para a compreensão da totalidade da vida humana.

...é o ser humano-corpo, ser humano-pensamento, ser humano-afeto, ser humano-ação e tudo isso está sintetizado no termo subjetividade.

Nossa matéria-prima, portanto, é o ser humano em todas as suas expressões, as visíveis (o comportamento) e as invisíveis (os sentimentos), as singulares (porque somos o que somos) e as genéricas (porque somos todos assim) – é o ser humano-corpo, ser humano-pensamento, ser humano-afeto, ser humano-ação e tudo isso está sintetizado no termo subjetividade.

A subjetividade é a síntese singular e individual que cada um de nós vai constituindo conforme vamos nos desenvolvendo e vivenciando as experiências da vida social e cultural; é uma síntese que de um lado nos identifica, por ser única; e de outro lado nos iguala, na medida em que os elementos que a constituem são experienciados no campo

comum da objetividade social. Essa síntese – a subjetividade – é o mundo de ideias, significados e emoções construído internamente pelo sujeito a partir de suas relações sociais, de suas vivências e de sua constituição biológica; é, também, fonte de suas manifestações afetivas e comportamentais.

O mundo social e cultural, conforme vai sendo experienciado por nós, possibilita-nos a construção de um mundo pessoal e singular. São diversos fatores que se combinam e nos levam a uma vivência muito particular. Nós atribuímos sentido a essas experiências e vamos nos constituindo a cada dia.

A subjetividade é a maneira de sentir, pensar, fantasiar, se comportar, sonhar, amar de cada um. É o que constitui o nosso modo de ser: sou filho de japoneses e militante de um grupo ecológico, detesto Matemática, adoro samba e *rap*, pratico ioga, tenho vontade mas não consigo ter uma namorada. Meu melhor amigo é filho de descendentes de italianos, primeiro aluno da classe em Matemática, trabalha e estuda, é corinthiano fanático, adora comer *sushi* e conversar pelo Messenger. Ou seja, cada um tem sua singularidade.

Criando e transformando o mundo (externo), o homem constrói e transforma a si próprio.

Entretanto, a síntese que a subjetividade representa não é inata ao indivíduo. Ele a constrói aos poucos, apropriando-se do material do mundo social e cultural (a expressão subjetiva coletiva), e faz isso ao mesmo tempo em que atua sobre o mundo, ou seja, é ativo na sua construção. Criando e transformando o mundo (externo), o homem constrói e transforma a si próprio.

Um mundo objetivo, em movimento, porque seres humanos o movimentam permanentemente com suas intervenções; um mundo subjetivo em movimento, porque os indivíduos estão permanentemente se apropriando de novas matérias-primas para constituir a subjetividade.

De certo modo, podemos dizer que a subjetividade não só é produzida, moldada, mas também é automoldável, ou seja, o homem pode promover novas formas de subjetividade, recusando-se ao assujeitamento e à perda de memória imposta pela fugacidade da informação; recusando a massificação que exclui e estigmatiza o diferente, a aceitação social condicionada ao consumo, a medicalização do sofrimento. Nesse sentido, retomamos a utopia de que cada ser humano pode participar na construção de seu destino e de sua coletividade.

Por fim, podemos dizer que estudar a subjetividade, nos tempos atuais, é tentar compreender a produção de novos modos de ser, isto é, as subjetividades emergentes, cuja produção é social e histórica. O estudo dessas novas subjetividades vai desvendando as relações do cultural, do político, do econômico e do histórico na produção do mais íntimo e do mais observável no ser humano – aquilo que o captura, submete ou mobiliza para pensar e agir sobre os efeitos das formas de submissão da subjetividade.

O **movimento** e a **transformação** são os elementos básicos de toda essa história. E aproveitamos para citar Guimarães Rosa, que em *Grande sertão: veredas* consegue expressar, de modo muito adequado e rico, o que aqui vale a pena registrar:

> *"O importante e bonito do mundo é isso: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas, mas que elas vão sempre mudando. Afinam e desafinam."*

Convidamos você a refletir um pouco sobre esse pensamento de Guimarães Rosa. As pessoas não estão sempre iguais. Ainda não foram terminadas. Mas por quê? Como? Simplesmente porque a subjetividade não cessará de se modificar, pois as experiências sempre trarão novos elementos para renová-la.

Photodisc/Getty Images

As pessoas estão sempre se modificando.

Talvez você esteja pensando: Mas eu acho que sou o que sempre fui, eu não me modifico! Por acompanhar de perto suas próprias transformações (não poderia ser diferente!), você pode não percebê-las e ter a impressão de ser como sempre foi. Você é o construtor da sua transformação e, por isso, ela pode passar despercebida, fazendo-o pensar que não se transformou. Mas você cresceu, mudou de corpo, de vontades, de gostos, de amigos, de atividades, afinou e desafinou, enfim, tudo em sua vida muda e, com ela, suas vivências subjetivas, seu conteúdo psicológico, sua subjetividade. Isso acontece com todos nós.

Bem, esperamos que você já tenha uma noção do que seja subjetividade e possamos, então, voltar a nossa discussão sobre o objeto da Psicologia.

A Psicologia, como dissemos anteriormente, é um ramo das Ciências Humanas, e a sua identidade, isto é, aquilo que a diferencia, pode ser obtida considerando-se que cada um desses ramos enfoca de maneira particular o objeto humano, construindo conhecimentos distintos e específicos a respeito dele. Assim, com o estudo da subjetividade, a Psicologia contribui para a compreensão da totalidade da vida humana.

É claro que a forma de se abordar a subjetividade, e mesmo a forma de concebê-la, dependerá da concepção de ser humano adotada pelas diferentes escolas psicológicas. No momento, pelas características do desenvolvimento histórico da Psicologia, essas escolas acabam formulando um conhecimento fragmentário de uma única e mesma totalidade – o ser humano: sua subjetividade e suas manifestações. A superação do atual impasse levará a uma Psicologia que compreenda esse indivíduo como ser concreto e multideterminado. Esse é o papel de uma ciência crítica, da compreensão, da comunicação e do encontro do ser humano com o mundo em que vive, já que o indivíduo que compreende a História (o mundo externo) também compreende a si mesmo (sua subjetividade), e aquele que compreende a si mesmo pode compreender o engendramento do mundo e criar novas rotas e utopias.

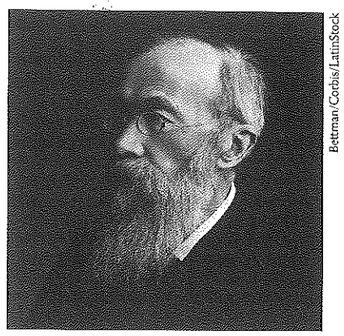
Algumas correntes da Psicologia consideram-na pertencente ao campo das Ciências do Comportamento, e outras, das Ciências Sociais. Acreditamos que o campo das Ciências Humanas é mais abrangente e condizente com a nossa proposta, que vincula a Psicologia à História, à Antropologia, à Economia etc.

A Psicologia e o misticismo

A Psicologia, como área da ciência, vem se desenvolvendo na história desde 1879, quando Wilhelm Wundt (1832-1926) criou o primeiro Laboratório de Experimentos em Psicofisiologia, em Leipzig, Alemanha. Esse marco histórico significou o desligamento

das ideias psicológicas de ideias abstratas e espiritualistas, que defendiam a existência de uma alma nos seres humanos, a qual seria a sede da vida psíquica.

A partir daí, a história da Psicologia é de fortalecimento de seu vínculo com os princípios e métodos científicos. A ideia de um ser autônomo, capaz de se responsabilizar por seu próprio desenvolvimento e por sua vida, também vai se fortalecendo a partir desse momento.


Bettman/Corbis/LatinStock

Wilhelm Wundt criou o primeiro laboratório de experimentos em Psicofisiologia.

Hoje, a Psicologia ainda não consegue explicar muitas coisas sobre o ser humano. Sabe-se que a ciência não esgotará o que há para conhecer, pois a realidade está em permanente movimento, novas perguntas surgem a cada dia, o ser humano está em movimento e em transformação, colocando também novas perguntas para a Psicologia. A invenção dos computadores, por exemplo, trouxe e trará mudanças às formas de pensamento, à inteligência, e a Psicologia precisará estudar essas transformações em seu quadro teórico.

Alguns dos desconhecimentos da Psicologia têm levado os psicólogos a buscarem respostas em outros campos do saber humano. Com isso, algumas práticas não psicológicas têm sido associadas às práticas psicológicas. O tarô, a astrologia, a quiromancia, a numerologia, entre outras práticas adivinhatórias e/ou místicas, têm sido associados ao fazer e ao saber psicológico.

Essas não são práticas da Psicologia. São outras formas de saber – de saber sobre o humano – que não podem ser confundidas com a Psicologia, pois:

- não são construídas no campo da ciência, a partir do método e dos princípios científicos;
- estão em oposição aos princípios da Psicologia, que vê não só o ser humano como ser autônomo, que se desenvolve e se constitui a partir de sua relação com o mundo social e cultural, mas também o vê sem destino pronto, que constrói seu futuro ao agir sobre o mundo. As práticas místicas têm pressupostos opostos, pois nelas há a concepção de destino, da existência de forças que não estão no campo do humano e do mundo material.

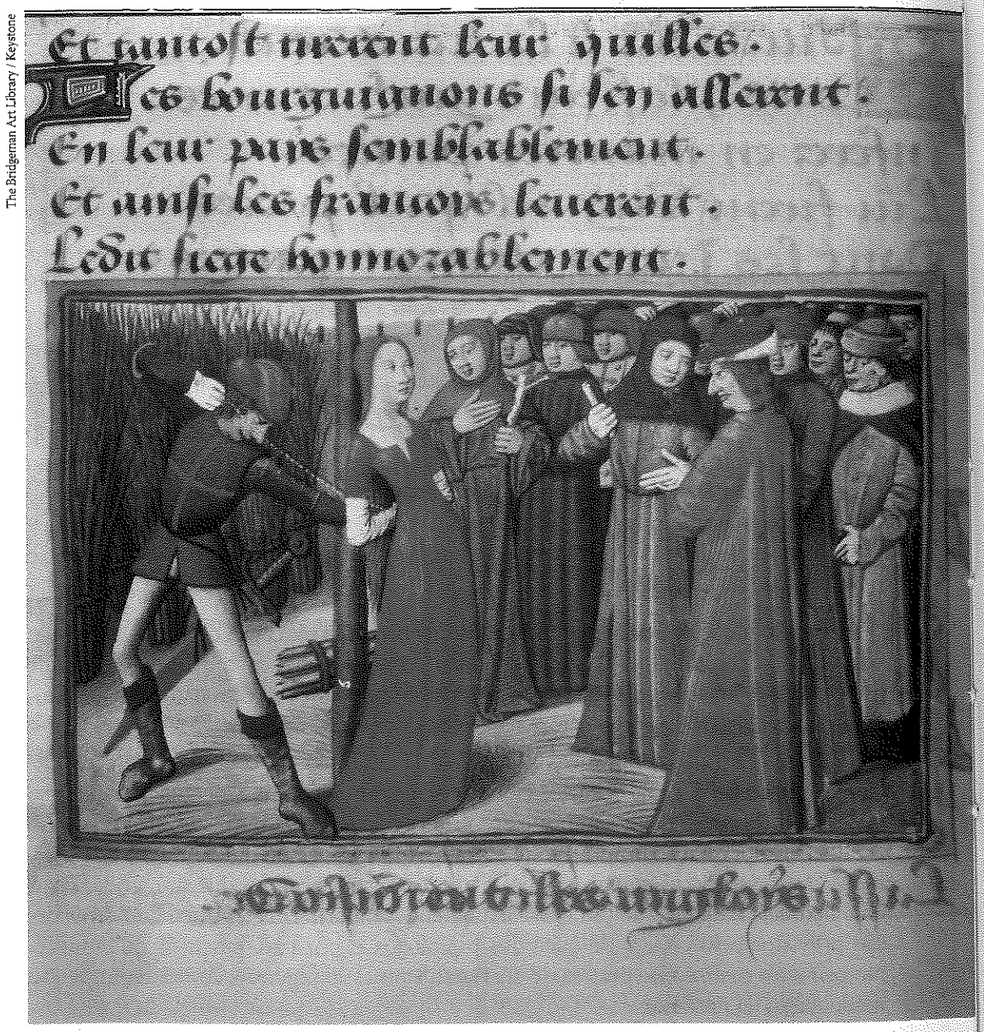
Esses saberes não estão no campo da Psicologia, mas podem se tornar seu objeto de estudo.

A Psicologia, ao relacionar-se com esses saberes, deve ser capaz de enfrentá-los sem preconceitos, reconhecendo que o ser humano construiu muitos "saberes" em busca de sua felicidade. Mas é preciso demarcar nossos campos. Esses saberes não estão no campo da Psicologia, mas podem se tornar seu objeto de estudo.

É possível estudar as práticas adivinhatórias e descobrir o que elas têm de eficiente, de acordo com os critérios científicos, e aprimorar tais aspectos para um uso eficiente e racional. Nem sempre esses critérios científicos têm sido observados, e alguns psicólogos acabam usando tais práticas sem o devido cuidado e observação. Esses casos, seja do psicólogo que usa a prática mística como acompanhamento psicológico, seja daquele que usa desse expediente sem critério científico comprovado, são previstos pelo código de ética dos psicólogos e, por isso, passíveis de punição. No primeiro caso, como prática de charlatanismo e, no segundo, como desempenho inadequado da profissão.

Entretanto, é preciso ponderar que esse campo fronteiriço entre a Psicologia científica e a especulação mística deve ser tratado com o devido cuidado. Quando se trata de pessoa, psicóloga ou não, que decididamente usa do expediente das práticas místicas como forma de tirar proveito pecuniário ou de qualquer outra ordem, prejudicando terceiros, temos um caso de polícia, cuja punição é salutar. Mas muitas vezes não é possível caracterizar a atuação dos que se utilizam dessas práticas de forma tão clara. Nesses casos, não podemos tornar absoluto o conhecimento científico como o "conhecimento por excelência" e dogmatizá-lo a ponto de correr o risco de criar um tribunal semelhante ao da **Santa Inquisição**. É preciso reconhecer que pessoas que acreditam em práticas adivinhatórias ou místicas têm o direito de consultar e de ser consultadas, e também temos de reconhecer, como cientistas, que não sabemos tudo sobre o psiquismo humano e que, muitas vezes, novas descobertas seguem estranhos e insondáveis caminhos. O verdadeiro cientista deve ter os olhos abertos para o novo.

Santa Inquisição
Tribunal religioso instituído para investigar e punir crimes contra a fé católica.


Et tantost mirent leur iuttes.
Les bourguignons si les allerent.
En leur pays semblablement.
Et ainsi les françois leurent.
Ledit siege honorablement.

The Bridgeman Art Library / Keystone

A inquisição, que se iniciou no século XII, foi instituída pela Igreja Católica para julgar os hereges. O caso mais famoso do período medieval foi o da francesa Joana D'Arc, que foi queimada viva. A pintura retrata Joana D'Arc nas estacas em *Les Vigiles de Charles VII* de Martial d'Auvergne, 1484.

Enfim, eis o nosso alerta:

- Não se deve misturar a Psicologia com práticas adivinhatórias ou místicas baseadas em pressupostos diversos e opostos ao da Psicologia.
- Mente é como paraquedas: melhor aberta. É preciso estar aberto para o novo, atento a novos conhecimentos que, estudados no âmbito da ciência, podem trazer novos saberes, ou seja, novas respostas para perguntas ainda não respondidas.

A ciência, como uma das formas de saber do ser humano, tem seu campo de atuação com métodos e princípios próprios, mas, como forma de saber, não está pronta e nunca estará. A ciência é, na verdade, um processo permanente de conhecimento do mundo, um exercício de diálogo entre o pensamento humano e a realidade, em todos os seus aspectos. Nesse sentido, tudo o que ocorre com o ser humano é motivo de interesse para a ciência, que deve aplicar seus princípios e métodos para construir respostas.

Síntese

1 Ciência e Senso Comum:
   - O senso comum e o conhecimento da realidade;
   - O senso comum e o conhecimento espontâneo e intuitivo do cotidiano;
   - O senso comum e a absorção de noções da ciência;
   - Outras áreas de conhecimento.

2 A Psicologia científica:
   - O que é a ciência: suas características;
   - Os objetos de estudo da Psicologia;
   - A subjetividade como objeto para a Psicologia;
   - A constituição da subjetividade no ser humano.

3 A Psicologia e o misticismo.

Texto complementar

Características do senso comum

Um breve exame de nossos saberes cotidianos e do senso comum de nossa sociedade revela que possuem algumas características que lhes são próprias:

- são subjetivos, isto é, exprimem sentimentos e opiniões individuais e de grupos, variando de uma pessoa para outra, ou de um grupo para outro, dependendo das condições em que vivemos;
- são qualitativos, isto é, as coisas são julgadas por nós como grandes ou pequenas, doces ou azedas, pesadas ou leves, novas ou velhas;
- são heterogêneos, isto é, referem-se a fatos que julgamos diferentes, porque os percebemos como diversos entre si. Por exemplo, um corpo que cai e uma pena que flutua no ar são acontecimentos diferentes; sonhar com água é diferente de sonhar com uma escada etc.;
- são individualizadores por serem qualitativos e heterogêneos, isto é, cada coisa ou cada fato nos aparece como um indivíduo ou como um ser autônomo: a seda é macia, a pedra é rugosa;
- mas também são generalizadores, pois tendem a reunir numa só opinião ou numa só ideia coisas e fatos julgados semelhantes: falamos dos animais, das plantas, dos seres humanos, dos astros;
- em decorrência das generalizações, tendem a estabelecer relações de causa e efeito entre as coisas ou entre os fatos: "onde há fumaça, há fogo; mulher menstruada não deve tomar banho frio; ingerir sal quando se tem tontura é bom para a pressão; menino de rua é delinquente etc.;
- não se surpreendem nem se admiram com a regularidade, constância, repetição e diferença das coisas, mas, ao contrário, a admiração e o espanto se dirigem para o que é imaginado como único, extraordinário, maravilhoso ou miraculoso. Justamente por isso, em nossa sociedade, a propaganda e a moda estão sempre inventando o "extraordinário", o "nunca visto";
- pelo mesmo motivo e não por compreenderem o que seja investigação científica, tendem a identificá-la com a magia, considerando que ambas lidam com o misterioso, o oculto, o incompreensível;
- costumam projetar nas coisas ou no mundo sentimentos de angústia e de medo diante do desconhecido. Assim, durante a Idade Média, as pessoas viam o demônio em toda a parte e, hoje, enxergam discos voadores no espaço;
- por serem subjetivos, generalizadores, expressões de sentimentos de medo e angústia, e de incompreensão quanto ao trabalho científico, nossas certezas cotidianas e o senso comum de nossa sociedade ou de nosso grupo social cristalizam-se em preconceitos com os quais passamos a interpretar toda a realidade que nos cerca e todos os acontecimentos.

A atitude científica

O que distingue a atitude científica da atitude costumeira ou do senso comum? Antes de qualquer coisa, a ciência **desconfia** da veracidade de nossas certezas, de nossa adesão imediata às coisas, da ausência de crítica e da falta de curiosidade. Por isso, ali onde vemos coisas, fatos e acontecimentos, a atitude científica vê **problemas** e **obstáculos**, aparências que precisam ser explicadas e, em certos casos, afastadas.

Sob quase todos os aspectos, podemos dizer que o conhecimento científico opõe-se ponto por ponto às características do senso comum:

- é objetivo, isto é, procura as estruturas universais e necessárias das coisas investigadas;

- é quantitativo, isto é, busca medidas, padrões, critérios de comparação e avaliação para coisas que parecem ser diferentes;
- é homogêneo, isto é, busca as leis gerais de funcionamento dos fenômenos, que são as mesmas para fatos que nos parecem diferentes;
- é generalizador, pois reúne individualidades, percebidas como diferentes, sob as mesmas leis, os mesmos padrões ou critérios de medida, mostrando que possuem a mesma estrutura;
- são diferenciadores, pois não reúnem nem generalizam por semelhanças aparentes, mas distinguem os que parecem iguais, desde que obedeçam a estruturas diferentes;
- só estabelecem relações causais depois de investigar a natureza ou estrutura do fato estudado e suas relações com outros semelhantes ou diferentes;
- surpreende-se com a regularidade, a constância, a frequência, a repetição e a diferença das coisas e procura mostrar que o maravilhoso, o extraordinário ou o "milagroso" é um caso particular do que é regular, normal, frequente. Um eclipse, um terremoto, um furacão, embora excepcionais, obedecem às leis da física. Procura, assim, apresentar explicações racionais, claras, simples e verdadeiras para os fatos, opondo-se ao espetacular, ao mágico e ao fantástico;
- distingue-se da magia. A magia admite uma participação ou simpatia secreta entre coisas diferentes, que agem umas sobre as outras por meio de qualidades ocultas e considera o psiquismo humano uma força capaz de ligar-se a psiquismos superiores (planetários, astrais, angélicos, demoníacos) para provocar efeitos inesperados nas coisas e nas pessoas. A atitude científica, ao contrário, opera um desencantamento ou desenfeitiçamento do mundo, mostrando que nele não agem forças secretas, mas causas e relações racionais que podem ser conhecidas e que tais conhecimentos podem ser transmitidos a todos;
- afirma que, pelo conhecimento, o homem pode libertar-se do medo e das superstições, deixando de projetá-los no mundo e nos outros;
- procura renovar-se e modificar-se continuamente, evitando a transformação das teorias em doutrinas, e destas em preconceitos sociais. O fato científico resulta de um **trabalho** paciente e lento de investigação e de pesquisa racional, aberto a mudanças, não sendo nem um mistério incompreensível nem uma doutrina geral sobre o mundo.

Os fatos ou objetos científicos não são dados empíricos espontâneos de nossa experiência cotidiana, mas são **construídos** pelo trabalho da investigação científica. Esta é um conjunto de atividades intelectuais, experimentais e técnicas, realizadas com base em **métodos** que permitem e garantem:

- separar os elementos subjetivos e objetivos de um fenômeno;
- construir o fenômeno como um objeto do conhecimento, controlável, verificável, interpretável e capaz de ser retificado e corrigido por novas elaborações;
- demonstrar e provar os resultados obtidos durante a investigação, graças ao rigor das relações definidas entre os fatos estudados; a demonstração deve ser feita não só para verificar a validade dos resultados obtidos, mas também para **prever** racionalmente novos fatos como efeitos dos já estudados;
- relacionar com outros fatos um fato isolado, integrando-o numa explicação racional unificada, pois somente essa integração transforma o fenômeno em objeto científico, isto é, em fato explicado por uma teoria;
- formular uma teoria geral sobre o conjunto dos fenômenos observados e dos fatos investigados, isto é, formular um conjunto sistemático de conceitos que expliquem e interpretem as causas e os efeitos, as relações de dependência, identidade e diferença entre todos os objetos que constituem o campo investigado.

Delimitar ou definir os fatos a investigar, separando-os de outros semelhantes ou diferentes; estabelecer os procedimentos metodológicos para observação, experimentação e verificação dos fatos; construir instrumentos técnicos e condições de laboratório específicas para a pesquisa; elaborar um conjunto sistemático de conceitos que formem a teoria geral dos fenômenos estudados, que controlem e guiem o andamento da pesquisa, além de ampliá-la com novas investigações, e permitam a previsão de fatos novos a partir dos já conhecidos: esses são os pré-requisitos para a constituição de uma ciência e as exigências da própria ciência.

A ciência distingue-se do senso comum porque este é uma opinião baseada em hábitos, preconceitos, tradições cristalizadas, enquanto a primeira baseia-se em pesquisas, investigações metódicas e sistemáticas e na exigência de que as teorias sejam internamente coerentes e digam a verdade sobre a realidade. A ciência é **conhecimento** que resulta de um trabalho racional.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2003.

A psicologia dos psicólogos

(...) somos obrigados a renunciar à pretensão de determinar para as múltiplas investigações psicológicas um objeto (um campo de fatos) unitário e coerente. Consequentemente, e por sólidas razões, não somente históricas mas doutrinárias, torna-se impossível à Psicologia assegurar-se uma unidade metodológica. (...)

Por isso, talvez fosse preferível falarmos, ao invés de "psicologia", em "ciências psicológicas". Porque os adjetivos que acompanham o termo "psicologia" podem especificar, ao mesmo tempo, tanto um domínio de pesquisa (psicologia diferencial), um estilo metodológico (psicologia clínica), um campo de práticas sociais (orientação, reeducação, terapia de distúrbios comportamentais etc.), quanto determinada escola de pensamento que chega a definir, para seu próprio uso, tanto sua problemática quanto seus conceitos e instrumentos de pesquisa. (...) Não devemos estranhar que a unidade da Psicologia, hoje, nada mais seja que uma expressão cômoda, a expressão de um pacifismo ao mesmo tempo prático e enganador. Donde não haver nenhum inconveniente em falarmos de "psicologias" no plural. Numa época de mutação acelerada como a nossa, a Psicologia se situa no imenso domínio das ciências "exatas", biológicas, naturais e humanas. Há diversidade de domínio e diversidade de métodos. Uma coisa, porém, precisa ficar clara: os problemas psicológicos não são feitos para os métodos; os métodos é que são feitos para os problemas. (...)

Interessa-nos indicar uma razão central pela qual a Psicologia se reparte em tantas tendências ou escolas: a tendência organicista, a tendência fisicalista, a tendência psicossociológica, a tendência psicanalítica etc. Qual o obstáculo supremo impedindo que todas essas tendências continuem a constituir "escolas" cada vez mais fechadas, a ponto de desagregarem a outrora chamada "ciência psicológica"? A meu ver, esse obstáculo é devido ao fato de nenhum cientista, consequentemente, nenhum psicólogo, poder considerar-se um cientista "puro". Como qualquer cientista, todo psicólogo está comprometido com uma posição filosófica ou ideológica. Este fato tem uma importância fundamental nos problemas estudados pela Psicologia. Esta não é a mesma em todos os países. Depende dos meios culturais. Suas variações dependem da diversidade das escolas e das ideologias. Os problemas psicológicos se diversificam segundo as correntes ideológicas ou filosóficas venham reforçar esta ou aquela orientação na pesquisa, consigam ocultar ou impedir este ou aquele aspecto dos domínios a serem explorados ou consigam esterilizar esta ou aquela pesquisa, opondo-se implícita ou explicitamente a seu desenvolvimento. (...)

JAPIASSU, Hilton. *A psicologia dos psicólogos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

Atividades

1. Você leu no texto que existem a Psicologia científica e a Psicologia do senso comum. Supondo que o seu contato até o momento só tenha sido com a Psicologia do senso comum, relacione situações do cotidiano em que você ou as pessoas com quem convive usem essa psicologia.
2. Conversem sobre a Psicologia científica – sua matéria-prima e seu enfoque. Para isso, retomem as seguintes questões:

   a) Qual é a matéria-prima da Psicologia?

   b) O que é subjetividade?

   c) Por que a subjetividade não é inata?

   d) Por que as práticas místicas não compõem o campo da Psicologia científica?
3. Verifiquem quantas pessoas do grupo já procuraram práticas adivinhatórias. A partir da leitura do texto, discutam a experiência, e ao final, diferenciem essas práticas das práticas e do saber da Psicologia.

Para saber mais

Bibliografia básica

Para o aprofundamento da relação ciência e senso comum, indicamos o livro *Filosofando – introdução à Filosofia*, de Maria Lucia Aranha e Maria Helena P. Martins (São Paulo: Moderna, 2005), e o livro *Fundamentos da Filosofia – ser, saber e fazer*, de Gilberto Cotrim (São Paulo: Saraiva, 2006).

Esses dois livros podem ainda ser utilizados para explorar melhor o método científico.

Bibliografia avançada

Para o aprofundamento das questões colocadas no texto, sugerimos a introdução do livro *A construção da realidade*, de Peter Berger e Thomas Luckmann (Petrópolis: Vozes, 2008), em que os autores discutem e apresentam com muita profundidade a relação realidade/conhecimento.

Quanto à questão específica da Psicologia e psicologias, seus objetos, seus métodos e a definição do fenômeno, indicamos o livro *A Psicologia dos psicólogos*, de Hilton Japiassu (Rio de Janeiro: Imago, 1983). Esse livro supõe um bom conhecimento das teorias e dos sistemas em Psicologia, já que procura discuti-los do ponto de vista metodológico. Não é uma leitura fácil, mas importantíssima para os psicólogos.

Para uma crítica mais aprofundada da Psicologia contemporânea veja Ana M. B. Bock, *Aventuras do Barão de Münchhausen na psicologia* (São Paulo: Cortez, 1999).

O termo subjetividade é muito discutido na atualidade com vários entendimentos. Um dos entendimentos importantes é fornecido pelo psicólogo e filósofo francês Michel Foucault. A discussão da subjetividade está presente em toda a sua obra, mas em *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas* (São Paulo: Martins Fontes, 2007) o autor analisa as Ciências Humanas e o aparecimento da noção de ser humano nas ciências.